



PEDAGOGIAS CRÍTICAS NOS ANOS 1980: INSPIRANDO A PRÁXIS CONTRA-HEGEMÔNICA NA CONTEMPORANEIDADE

Bianca Rentschler¹

Raphael Campagnaro Baptista de Sousa²

Elisabete F. Esteves Campos³

INTRODUÇÃO

O estudo e debate da obra História das ideias pedagógicas no Brasil, publicado em 2007 por Dermeval Saviani, no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação, suscitou amplas possibilidades de análise da educação brasileira como campo de luta política e ideológica. Intensos debates nos levaram à compreensão do contexto atual de desmonte da educação pública, que requer ações teoricamente fundamentadas.

Destacamos os anos 1980, considerados como uma “década perdida” no que tange às questões econômicas, mas um período fecundo para a educação brasileira. “Uma particularidade da década de 1980 foi precisamente a busca de teorias que não apenas se constituíssem como alternativas à pedagogia oficial, mas que a ela se contrapusessem” (SAVIANI, 2007, p. 402). Naquele momento histórico, marcado pelas políticas do governo militar, emergiu “a necessidade de se construir pedagogias contra-hegemônicas, isto é, que em lugar de servir aos interesses dominantes se articulassem com os interesses dos dominados” (p. 402). Os movimentos dos anos 1980 nos inspiraram na formulação de possibilidades para o contexto atual, em que o neotecnicismo expresso nos currículos e avaliações padronizadas, os ataques à educação pública com

¹ Mestranda em Educação na Universidade Metodista de São Paulo com bolsa CAPES. Professora da educação básica, São Paulo, SP E-mail: biancarentschler@hotmail.com.

² Mestrando em Educação na Universidade Metodista de São Paulo com bolsa CAPES. Professor Especialista das disciplinas de Ciências e Biologia na rede particular de São Paulo, SP. E-mail: profraphaelcampagnaro@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo/USP. Docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, SP. E-mail: betecampos@terra.com.br.



políticas obscurantistas e a retirada de investimentos exigem de nós, docentes e pesquisadores, o fortalecimento de uma práxis coletiva contra hegemônica.

DISCUSSÕES

Em relação às questões econômicas, os resultados dos anos 1980 foram os piores possíveis: a ONU reconheceu oficialmente o “fracasso de seu programa mundial de ação para o desenvolvimento dos países mais pobres do globo” (SAVIANI, 2007, p. 402). No cenário nacional, indicadores econômicos apontaram uma grande recessão.

Todavia, no campo educacional, “foi uma das décadas mais fecundas da nossa história” (p. 402). A forte união da classe dos trabalhadores da educação aglutinando profissionais de diferentes níveis e áreas de ensino, suscitaram uma intensa mobilização da sociedade civil, como uma reação à política educacional do regime militar.

Em muitos estados e municípios, foram se configurando políticas educacionais de interesse popular em favor da escola pública. Ciclo básico, estatuto do magistério, criação de conselhos de escola, novos regimentos, eleição de diretores, mudanças curriculares, foram algumas das políticas para restaurar a democracia nas diferentes localidades do País.

Como forças de união dos docentes em ascensão, destacam-se algumas entidades, como: ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, fundada em 1977; CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade, fundada em 1978; e a ANDE - Associação Nacional de Educação, fundada em 1979. Tais entidades ganharam força nas mobilizações populares e organizaram as Conferências Brasileiras de Educação, com a primeira edição em 1980.

As entidades de profissionais das escolas de 1º e 2º graus filiaram-se à Confederação de Professores do Brasil (CPB) que, em 1986, alcançou 29 associações estaduais. Em 1989, a CPB torna-se CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação, que em 1990 contava com dois milhões de profissionais associados, em decorrência da incorporação da Confederação



Nacional de Escolas Públicas (CONAFEP), da Federação Nacional de Orientadores Educacionais (FENOI) e da Federação Nacional de Supervisores Educacionais (FENASE).

No ensino superior, foi criada, em 1981, a Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior (ANDES), contando com 67 associações unidas. A Federação das Associações de Servidores das Universidades Públicas (FASUBRA) esteve em paralelo com a ANDES, ao articular, em 1984, uma greve que durou 84 dias, uma das maiores da história nesse segmento.

Após a Constituição de 1988, retirou-se a restrição à sindicalização de funcionários públicos, e muitas entidades transformaram-se em sindicatos, filiados à CUT - Central Única dos Trabalhadores. Esse forte movimento de organização dos profissionais da educação foi marcado, contudo, por contradições e ambiguidades. Segundo Saviani (2007, p. 404), ocorreu muitas vezes, por parte das lideranças, uma "visão de mundo pequeno burguesa", com certo radicalismo ao se defender interesses de caráter corporativo.

Segundo Saviani (2007), os movimentos podem ser organizados em dois vetores: o primeiro se caracteriza pela preocupação com o significado social e político da educação, buscando uma escola pública de qualidade, aberta a toda a população e voltada para o progresso das necessidades da classe trabalhadora. E o segundo, marcado pela preocupação com aspectos econômico-corporativos, de natureza reivindicativa, e pelo fenômeno das greves que eclodiram a partir do final de 1970 e se expandiram nos anos 1980.

Apesar desse vigoroso movimento organizativo-sindical envolvendo docentes dos três graus de ensino, as medidas governamentais não resolveram os problemas diagnosticados e denunciados pelas organizações acadêmicas e sindicais da época. A política educacional não conseguiu ir muito além de proclamações que não chegaram a ser implantadas em nível federal, com ressalvas estaduais e municipais, por esbarrarem em sérios obstáculos representados pelos interesses dominantes e pela tradição de



descontinuidade na política educacional brasileira.

Os anos 1990, marcados pelo neoliberalismo, neoconservadorismo, neotecnicismo, revelaram crescentes dificuldades para os movimentos em defesa da educação pública democrática. Apesar da retomada, nos anos 2000, de políticas favorecedoras das classes populares com programas de cotas, criação de novas universidades públicas, universalização do ensino fundamental, dentre outras conquistas, desde 2015 a educação tem sido atacada e sucateada, com graves retrocessos na política do atual governo.

Nesse cenário, podemos concluir que os movimentos dos anos 1980 foram importantes e devem ser contabilizados como “ganhos”, pois se formaram associações nacionais e estaduais, da educação básica à superior, organizando Conferências e publicações em periódicos, constituindo um importante legado. Apesar dos obstáculos, surgiram indicativos de caminhos possíveis, com a formação de coletivos que possam formular políticas locais superadoras de uma educação clientelista, credencialista, marcada pelo modelo de gestão empresarial e valores ultraconservadores que permeiam as atuais políticas educacionais.

CONSIDERAÇÕES

Para o enfrentamento da pedagogia tecnicista introduzida no regime militar, emergiram diversos movimentos e organizações direcionados à formulação de pedagogias contra-hegemônicas que se fortaleceram nos anos 1980.

No âmbito da pós-graduação, a despeito do modelo americano implementado pelo governo militar, a influência teórica europeia acabou produzindo um novo desenho, proporcionando o posicionamento crítico nos estudos e pesquisas, publicadas especialmente pela Revista Educação & Sociedade e pela Revista da Associação Nacional de Educação. Com isso, a pós-graduação refletiu as contradições da sociedade brasileira, estabelecendo-se num espaço importante para o desenvolvimento de uma inclinação crítica,



gerando estudos consistentes e significativos sobre a educação (SAVIANI, 2007).

No entanto, as pedagogias contra-hegemônicas dos anos 1980 que pareciam apontar uma saída para a educação efetivamente crítica e transformadora, enfrentam obstáculos no contexto neoliberal predominante a partir da década de 1990.

O modelo de gestão empresarial valoriza inovações tecnológicas nos termos das pedagogias das competências, associando competências técnicas e socioemocionais, como pedagogias do afeto, resiliência, autogestão, autoestima, dentre outros termos.

Essa pedagogia parece “adocicar” os docentes, afastando-os de uma formação política, ao mesmo tempo em que mantém a precariedade profissional, fazendo crescer o desprestígio social.

Apesar desse cenário obscuro que se abateu sobre o País, as palavras finais de Saviani declaram otimismo, afirmando, assim, uma esperança, quando afirma que

seria bem-vinda a reorganização do movimento dos educadores que permitisse, a par do aprofundamento da análise da situação, arregimentar forças para uma grande mobilização nacional capaz de traduzir em propostas concretas a defesa de uma educação pública de qualidade acessível a toda a população brasileira (SAVIANI, 2007, p. 451).

Construir conhecimentos de forma colaborativa e coletiva destinados a uma mobilização nacional é requisito fundamental para o enfrentamento da atual política de desmonte da educação brasileira. Os ensinamentos dos anos 1980 nos inspiram para o fortalecimento das associações, das forças sindicais e dos movimentos populares para que, juntos, possamos construir um novo País.

REFERÊNCIA

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.